

FALA SOBRE A ÂNGELA EM HOMENAGEM DO SEDES DIA 20-05-2016

ALINE CAMARGO



É com muito pesar que formulo algumas palavras em nome do Departamento de Psicanálise nesta homenagem para nossa colega Maria Ângela Santa Cruz.

Maria Ângela teve uma participação atuante junto ao Departamento, que se deu de um modo muito singular. Participou de sua fundação, realizando um trabalho intenso junto com outros colegas que colocaram na prática o sonho da construção do Departamento. Projeto coletivo, de prática democrática, alinhado à *Carta de princípios* do Sedes no sentido da concepção de trabalhos que promovessem a emancipação popular e a transformação social.

No Departamento propôs junto com outros colegas o Setor Psicanálise, grupos e instituições, promovendo discussões e eventos. Fez parte de convênios com a Secretaria da Saúde ministrando cursos e supervisões.

A partir de então realizava uma atuação que se deu de um modo transversal, para além dos limites dos agrupamentos institucionais já constituídos. Entendo que esse aspecto refletia sua formação e prática como analista institucional. Desse modo, colaborou com o Departamento na interface deste com outros grupos internos e externos ao Instituto. Produzindo assim: pontes, intercâmbios e inclusões das mais diversas. Difundindo as ideias do Departamento, acrescidas de suas produções. E enriquecendo o Departamento

ao trazer as experiências adquiridas nos contatos com outros grupos que partilhavam dos mesmos ideais.

É no contexto desse tipo de atuação que trabalhou intensamente, junto com outros colegas, no Projeto da Clínica, o *Projeto Clínico-ético-político* norteador da implantação dos trabalhos desenvolvidos atualmente na Clínica dos Sedes. Projeto profundamente inovador em modelo de gestão, assistência e formação e que passou a ser integrado à rede de assistência em Saúde Mental e a outras instituições do campo social. O resultado desse trabalho se reflete no Instituto como um todo.

Tive a oportunidade de conviver com ela nos anos em que trabalhamos juntas na Clínica, quando ingressei na atividade de triagem e posteriormente na coordenação de equipes clínicas. Era o momento de muita discussão, muita polêmica frente ao apaixonante trabalho de implantar uma clínica psicológica em cujas atividades se materializasse a visão da carta de princípios do Sedes, ou seja, uma clínica comprometida com a realidade social política. Discussões que levavam em conta uma compreensão de um sujeito social e historicamente constituído em suas inscrições inconscientes, o que dava à prática clínica um outro olhar para a realidade e outro foco para o lugar do sintoma.

Essas questões, fortemente trabalhadas por ela, foram expressas através de sua participação em eventos do Sedes e do Departamento. Alguns exemplos: na *Revista de Subjetividades Contemporâneas*, refletindo sobre os efeitos subjetivantes da prática clínica; em artigos da *Percurso*, comemorando os 20 anos do Departamento, entre outras publicações na revista, dentre as quais destaco seu artigo no número histórico - Percurso 52, de 2014 - dedicado ao tema da ditadura civil-militar pelos 50 anos do golpe. Nesse artigo ela comenta sua participação na Equipe Clínico-Grupal do Grupo *Tortura nunca mais*, atendendo ex-presos políticos e seus familiares. Seus trabalhos também estão presentes nos livros e no *Boletim* do Departamento, em torno dos temas como da luta antimanicomial, da construção do campo da Saúde Mental.

Outro artigo que acompanhei de perto foi seu trabalho apresentado na I Jornada Temática organizada pelo grupo de trabalho e pesquisa do feminino. Evento que deu origem ao livro *Figuras clínicas do feminino no mal-estar contemporâneo*, de 2002, reeditado pelo Departamento em 2014. Ali Ângela retomou o tema trabalhado em seu mestrado, trazendo a questão das pulsões e da potência criadora ao falar do feminino e da cultura contemporânea. Nesse trabalho ela aborda especialmente o papel da pulsão de morte como potência do feminino. Resgata o papel da agressividade como potência disjuntiva e por isso criadora, trazendo a possibilidade do novo. Movimento que faz frente à domesticação e à dominação produzida pela cultura quando ligada ao domínio da razão e da ordem fálica.

Reler seu artigo me fez vê-la em todas as suas características, em seu modo pessoal de trabalhar, sempre muito coerente em seu pensamento e com muita radicalidade em suas ações. Essa característica de sua personalidade exigia um trabalho de aprender a conviver com ela. Experiências de afetos e

desafetos que por fim eram recompensados pelas importantíssimas contribuições que trazia. Em seu modo questionador, provocava a produção contínua da diferença. Sempre com a crença e a coragem de superar os limites impostos.

Nos últimos tempos nos encontrávamos no estágio da Clínica, na qual fui representante. No Departamento, estive na III Jornada temática do feminino em 2015, coordenando a mesa *Sexualidade e gênero*.

No atual momento histórico, no qual se faz tão necessária a reflexão e a atuação sobre realidade, o Departamento convida para amplos debates sobre psicanálise e política, através de seus canais de interlocução. No Encontro *Entretantos 2*, que acontecerá em breve em torno desse tema, seguramente ela estará presente através de todo o seu legado.